

## Museologia, Património e Direitos Humanos

Pedro Pereira Leite

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

---

**Resumo:** Como a museologia e os estudos patrimoniais estão a integrar a questão dos Direitos Humanos é a questão base que procuramos resolver. Depois de nos interrogarmos sobre a ampliação do campo de investigação-ação induzido pela integração da problemática dos direitos humanos no âmbito dos processos de globalização, apresentamos uma proposta de investigação-ação que estamos a iniciar no âmbito do nosso pós-doutoramento.

**Palavras-chave:** Museologia do Património, Globalização, Direitos Humanos, Museólogo mediador, Intersubjetividade

**Abstract:** *How museology and heritage studies are incorporating the issue of human rights as a proposal of work is the basic problem that we seek to solve. After we analyze how the research field had been amplified, we ask, in a broader research-action methodology, how we can promote the integration of human rights issues in the context of globalization processes. At least we present the methodological process that we are engaged in our post-doctoral research.*

**Keywords:** *Museology Heritage, Globalisation, Human Rights, Museologist mediator, Intersubjectivity*

---

## ***Museologia, Património e Direitos Humanos***

### A Museologia na globalização

Nos últimos anos a globalização tem vindo a ser problematizada como um fenómeno complexo. Um conjunto de processos de mudança nas nossas sociedades, economias e organizações. Traduz uma mudança no nosso mundo. A globalização está também a afetar as nossas organizações de produção de saberes, levando-nos a questionar as suas funções sociais. O sentido da produção do conhecimento

Grosso modo Globalização é um conceito denso e difícil de delimitar, que se refere ao fenómeno da perceção da compactação do espaço e da aceleração do tempo pelos sujeitos sociais. Como fenómeno a globalização tem vindo a alterar a nossa consciência do mundo. Temo a perceção que a nossa visão do mundo, a nossa consciência do real, é hoje mais ampla do que a dos nossos antepassados por dispormos de mais recurso de informação e mais instrumentos de análise. Ao mesmo tempo, a globalização traduz a ideia de que no interior da diversidade há uma unidade. Temos a convicção que em todos os objetos de análise existem elementos que são comuns, que ao mesmo tempo em que se individualizam participam em algo que sendo comum os transcende. A ciência e o discurso científico propõem-se resolver esta questão através do seu método.

Ao nível do senso-comum a noção surge frequentemente agregada aos processos financeiros, económicos, comunicacionais; à emergência dos temas da preservação ambiental e do uso dos recursos naturais; à consciência da cidadania e da necessidade de regulação abrangente dos vários domínios da ação da humanidade. Também se poderá aqui incluir a emergência da consciência dos outros, da mulher e da etnia e do género. O fenómeno da globalização fez emergir uma nova consciência da posição do ser no mundo. Uma consciência de que somos todos cidadãos do mundo, portadores de múltiplas identidades e circulamos por espaços múltiplos e reconhecemos tempos diferenciados. É, portanto natural que a ciência assuma a globalização como um fenómeno.

A construção das nossas perspetivas identitárias é hoje transcalar. Temos consciência da dimensão global da humanidade. Uma dimensão que incorpora olhares e saberes diversificados em permanente processo de comunicação através de múltiplos canais. Paralelamente à perceção de que tudo acontece mais rápido e onde o tempo se transformou num recurso escasso, temos a consciência que na sucessão dos eventos, os tempos são diferenciados e os discursos e as suas narrativas são múltiplas.

Nos estudos dos museus e do património a sociomuseologia tem feito um esforço crítico considerável ao procurar alargar os campos de ação para os mais diversos domínios do social. Uma reflexão que procura renovar a prática e as configurações das organizações (MOUTINHO, 2007). Um esforço que levou à integração da dimensão do território, das comunidades e dos seus saberes nos processos patrimoniais. Ao mesmo tempo emergem objetos de análise, como por exemplo, a imaterialidade, que desafiam os nossos saberes e praticas.

O que poderemos então concluir sobre o impacto da globalização na museologia? É fácil entender a crítica severa às tradicionais narrativas patrimoniais, insensíveis ao tempo e à mudança. É certo que o património e os objetos museológicos transportam uma dimensão de intemporalidade, que se constituiu como função no passado. Mas o que a globalização nos fez entender é que o tempo é um processo, e que aquilo que nos chega do tempo passado é uma visão do presente. E é por isso que essas críticas questionam o lugar da vida no interior dos museus. Onde está a mudança que todos os dias acontece. Será que os museus e os processos museológicos e patrimoniais devam permanecer como espaços de outros tempos ou deverão procurar, nesses mesmos espaços, outros tempos ou explorar os seus silêncios. Não é a museologia uma ciência do resgate das memórias? Se assim é onde estão as narrativas esquecidas. Ou se quisermos ser práticos, onde estão as narrativas sobre os processos de escravatura dos europeus sobre os povos africanos, onde estão narrativas sobre as mulheres, ou onde estão os povos vítimas de genocídio.

Podemos portanto concluir que a globalização não pode deixar de influenciar as nossas práticas. Considerando a museologia como um campo de conhecimento social de interlocução processual de objetos socialmente qualificados como expressão das relações de poder ou de saberes dominantes, numa determinada comunidade num determinado tempo; os processos museológicos não podem deixar de se assumir como uma expressão das tensões geradas entre as heranças e os desejos de futuro. Os objetos museológicos e patrimoniais são construções sociais (que emergem do processo de qualificação) que refletem essas tensões. A matéria-prima da nossa cadeia operativa é um sempre um objeto envolvido processualmente com o mundo. Um reflexo desse mundo que transporta memórias e silêncios.

Que alteração estão então a ocorrer na ação do museólogo? Se com a globalização a construção da objetivação do real se torna processual, se as narrativas se relativizam, os objetos são plurais, se os espaços se metamorfoseiam e as comunidade são plurais, como construímos o nosso objeto de conhecimento?

Já verificamos que uma das críticas que tem sido feita é a desconformidade. Um desajustamento das narrativas museológicas e dos discursos patrimoniais. Uma desorientação das propostas e das dinâmicas de muitas instituições com o pulsar pressentido do mundo. A globalização tem vindo a revelar na nossa ação museológica, os conteúdos das narrativas que temos vindo a propor são processos que refletem as tensões entre a nostalgia do tempo perdido em confronto com a melancolia do paraíso. Mas mais do que isso, a globalização também nos revela que essas narrativas, ainda que reflexivas duma determinada realidade subjetiva, influem nessa mesma realidade contendo um potencial transformador.

Em suma a globalização tem vindo a interrogar a museologia sobre a forma como as suas narrativas e os seus espaços expressam o conflito entre os indivíduos e a sociedade; as tensões entre os poderes múltiplos. Mas também interroga a sua proposta de ação. De que forma os espaços museológicos se podem constituir como lugares de negociação e de construção de compromissos entre os membros de uma ou várias comunidade, num ou em vários territórios. Assim a museologia exprime-se como compromisso num determinado tempo e espaço global como reflexo desse mundo no âmbito da construção duma cultura de paz e de desenvolvimento.

### ***O Património na globalização***

Se alargarmos a nossa problemática às questões patrimoniais verificamos que a globalização também tem vindo a colocar idênticos desafios aos estudos sobre as heranças. Françoise Choay é uma autora que ao longo dos últimos anos tem vindo a refletir de forma crítica a relação da globalização com o património. (CHOAY, 2005). Segundo a autora, a evolução do conceito de património tem vindo a ser resolvido a partir da análise das problemáticas que analisam a tensão entre a tradição e modernidade.

Neste domínio a globalização afetou estas problemáticas de diversas formas. Uma primeira questão que a autora propõe na sua análise coloca é a emergência de uma maior clarificação da interlocução das comunidades entre a nostalgia do passado, da reinvenção das suas tradições, no confronto com a modernidade vivida. É uma problemática que emerge entre a tensão do crescimento da afetação dos recursos com a perceção dos seus benefícios para a sociedade. As sociedades pós-modernas, centradas nos consumos de mercado, tem uma necessidade incessante de criar novidades, modas que hoje são seguidas e praticadas por muitos, e que amanhã são esquecidas e vilipendiadas. As sociedades pós-modernas, organizadas em redes, seja de bens e serviços, sejam de ideias e emoções, provoca a expansão

exponencial dos objetos patrimoniais. O património, com a sua imobilidade confronta-se com este desafio de participar na modernidade reinventado incessantemente o seu valor simbólico exigindo a afetação constante de recursos limitados, sejam eles financeiros ou sociais.

Uma outra dimensão, que também já acima referenciada, é a consciência de que os objetos patrimoniais já não são exclusivamente constituídos por objetos simbólicos de espaços identitários ou de tempos socialmente significativos, mas integram dimensões interculturais, referenciais de diálogo intercultural e processual. Esta consciência introduz nos estudos patrimoniais uma dimensão reflexiva sobre os seus objetos. A significação dum objeto patrimonial torna-se múltipla, a sua densidade semântica amplia-se, ao mesmo tempo que a emergência da subjetividade e da interação processual induz a perceção da transitividade. Assim, em paralelo com a emergência da desmaterialização do património, irrompe nos estudos sobre o património a ideia e a emoção, do momento vivido (o conto, a dança, a performatividade como ação patrimonial). Estes novos objetos adicionam novos campos e ampliam as áreas de análise das problemáticas associadas às heranças das comunidades e dos territórios, induzindo diálogos com outras áreas disciplinares. Através destes diálogos as problemáticas dos estudos do património integram-se hoje com as problemáticas da transitividade. Ao invés da fixação no imóvel, ou da joia que caracterizava a noção do monumento, o património é hoje total e fluido.

A perceção da permeabilidade dos territórios, da fluidez das fronteiras em paralelo com importantes mutações na organização social, com uma progressiva horizontalidade das relações entre pessoas, grupos e organizações, que se aglutinam em configurações matriciais (ao invés das “velhas” estruturas hierárquicas), não só tem vindo a incrementar a perceção da desmaterialização do património, com tem igualmente incorporado no seu campo de análise novos processos, como sejam os fenómenos da desertificação, das Alterações climáticas, da Democracia e dos Direitos Humanos. Aos “velhos” problemas, da guerra, da fome e da exclusão social, emergem hoje entes “novos” problemas, do Género e da igualdade, da imigração.

Finalmente, uma última dimensão onde o património emerge hoje como um potencial recurso para a governação representativa e participação cidadã. Neste perspetiva o património pode ser um instrumento usado para a gestão dos conflitos, para a reconstrução das cidadanias, a que se junta o seu já debatido papel como recurso para o desenvolvimento. Estes novos campos patrimoniais

acrescentam novas responsabilidades aos atores do património. Entre estas novas funções está o desafio sobre o uso dos recursos disponíveis. Recursos integrais, que passam pelo ambiente, pela consciência da diversidade que acrescentam valor o objeto patrimonial. Também aqui é hoje muito mais clara a ideia que olhar para o património como um recurso para a ação, implica a sua transformação num ativo. Mas como sabemos da ciência económica, a criação de produtos implica igualmente a criação de passivos. Como vemos o paradoxo dos estudos do património (o de conservar para mudar) persistem como o campo seu campo essencial de interlocução. Um paradoxo que continua a ser resolvido na prática patrimonial de cada um. Em síntese, Choay alerta-nos para três dimensões da relação do património na globalização. Para uma relação transitiva, onde a noção de património como conceito se torna numa ideia complexa construída no tempo; para uma relação semântica, em que o objeto emerge como uma construção da consciência humana sobre a sua ação no mundo (o objeto patrimonial como uma relação entre o significado e o significante num processo); e finalmente como uma relação processual, onde o objeto patrimonial assume uma função mnemónica, onde o passado como experiencia de projeta no futuro como vontade de ação.

### ***Museologia, Heranças e Direitos Humanos***

O processo de globalização tem implicado a museologia e os estudos patrimoniais numa reflexão sobre os seus métodos de trabalho. Verificamos que as práticas museológicas e patrimoniais, no tempo da globalização, se tem vindo a densificar e a complexificar pela permanente interrogação sobre os seus objetos. O tradicional binómio conservação-comunicação amplia-se em significados pela integração das comunidades e dos territórios como objetos mnemónicos. Já não são apenas dos lugares de memória que são objeto de análise e prática patrimonial, como a própria memória social, com sua dimensão intersubjetiva que emerge como objeto de estudo.

Se o olhar sobre o mundo é hoje global, as ferramentas de trabalho deverão igualmente estar ajustadas e dimensionadas a captar e a intervir sobre essa globalidade a partir da escala local. Já acima enunciámos alguns do campos onde a globalização tem vindo a constituir-se como um campo de problemáticas. Nas organizações e nas práticas sociais a implicação dum pensamento global traduz-se através do pensamento focado no concreto do local. Se os problemas são globais, as ações e os processos têm hoje que ser pensados de forma global numa relação estreita entre os atores locais e os seus problemas. Nessa relação, a incorporação dos saberes e valores das comunidades emerge como um espaço de ação dialógica. Os processos que afetam as comunidades envolvidas em processos de transformação global caracterizam-se por uma relação interativa permanente

Numa perspectiva de abordagem de forma integrada dos modelos de desenvolvimento relacionado o global com o local, partindo dos problemas locais e implicando a mobilização das capacidades e saberes das comunidades como principal recurso a mobilizar, constitui-se hoje como um programa de ação indispensável para as práticas museológicas e patrimoniais. São os problemas locais, a comunidade e os seus territórios que constituem o objetivo das ações patrimoniais. Mas esse exercício de incorporação do local não pode deixar de ser feito com uma consciência das dinâmicas globais que o afetam. É esta integração do todo no particular que se constitui como um modelo de construção das nossas práticas profissionais, e que igualmente necessitam de se conformar com os modelos de prática das organizações locais. Uma conformidade que se constitui como objetivo, não necessariamente de reprodução desse modelo, mas para a partir dele construir a transformação e a inovação que a dinâmica global mostra.

Importa portanto problematizar o lugar da museologia e dos estudos patrimoniais como práticas sociais inclusivas: Importa, em paralelo com a resposta aos problemas do presente adotar uma prática prospectiva que se integre no processo de mudanças das sociedades, dos grupos e dos indivíduos. Quais são então os espaços de se constituem como campos potenciais de uma ação museológica e patrimonial na globalização? Como se incorpora a ação museológica e patrimonial na dimensão reflexiva e transitiva? Como se parte dos velhos objetos da tradição para construir uma crítica da modernidade processual e intersubjetiva através de práticas inovadoras. Como é que a museologia e os estudos patrimoniais reconstróem a relação entre a tradição e a modernidade no âmbito das relações entre o local e o global.

A questão da condição humana nos estudos museológicos e patrimoniais tem constituído uma preocupação constante ao longo de várias gerações de profissionais. Na atualidade esta questão tem vindo a ser respondida através de diversas propostas nos museus de consciência, nos museus de comunidade ou nos mais diversos pontos de memória. A questão da cultura de paz e dos Direitos Humanos, inscrita nos textos fundadores das organizações internacionais e adotadas como princípio de ação na maioria dos países democráticos, tem vindo a constituir, para além da sua dimensão política, uma proposta de intervenção no âmbito da UNESCO e dos seus organismos especializados: o ICOM e o ICOMUS. Nos fóruns internacionais a cultura de Paz e dos Direitos Humanos emerge como um elemento estruturante das relações humanas num mundo feito de pluralidades diversas. Essa consciência da diversidade é um elemento de ação comum, seja na sua preservação, seja na sua partilha como projeto.

Existe já ao nível da reflexão teórica um campo consolidado em torno desta relação entre as Heranças (os patrimónios) e os Direitos Humanos. Por exemplo nas publicações mais recentes, da novíssima coleção “Novos Temas do Património Cultural” da editora anglo-saxónica Routledge, esta questão emerge como uma das variadas interceções entre a teoria e a prática neste campo de complexidade semântica constituída pela museologia, pelo património e pelos estudos da memória social<sup>35</sup>. Num conjunto muito variado de textos de reflexão vemos emergir as questões dos direitos dos povos indígenas, dos direitos à memória dos excluídos pelos processos de globalização como propostas de reflexão na relação entre a teoria e a prática museológica. Muitos destas propostas constituem-se hoje como narrativas museológicas em espaço tão distintos como no Brasil, na África do Sul, na Austrália

Não vamos naturalmente aqui detalhar tantas e tão variadas experiencias em outros tantos espaços<sup>36</sup>. Interessa-nos aqui fixar, fundamentalmente que como resultado duma consciência crítica sobre o desenvolvimento emergem novas formulações sobre a implicação dos direitos humanos como ferramenta de trabalho. E essa constitui uma proposta de trabalho. Assumir o desafio de praticar uma museologia e trabalhar o património a partir do seu significado e ao serviço do ser humano.

A nossa proposta de ação: a sociomnese, de construir uma museologia e uma prática patrimonial a partir das memórias individuais, como processo de reconstrução dos laços e sentidos do social integra-se nesta dimensão de interrogar sobre de que forma os processos de ação sobre o social se apresentam com potencialidade para gerar ação (LEITE, 2011). Nessa proposta utilizamos as ferramentas patrimoniais como proposta geradora dum processo de transformação. A geração de um processo disjuntivo<sup>37</sup> suscetível integrar uma leitura crítica transcalar<sup>38</sup> com base na intersubjetividade.

---

35 Veja-se por exemplo “Cultural Diversity, Heritage and Human Rights” ,(Langfield ,2011), ou “Heritage and Globalisation” Labali , 2010)

36 Cabe aqui uma especial referência ao Programa Memória do Mundo da UNESCO, criado em 2003. Trata-se dum programa, vocacionado para a preservação de documentos e arquivos de grande valor histórico. Não entrando na questão de quem, como e o que é que é valorizado, este programa tem vindo a suscitar um acesso debate que relaciona a questão das heranças com os Direitos Humanos.

37 Concebe a ação como um ato consciente sobre o real que ao ocorrer vai implicar uma transformação do todo. Sendo que ao influenciar uma das dimensões afeta o todo, ao mesmo tempo que o todo, ou é afetado pela ação, ou absorve os efeitos das ação. Etimologicamente a ação disjuntiva é a que produz a disjunção, que separa do jugo. As ações disjuntivas tornam-se elementos catalisadores de mudança social.

38 Transcalar é um anglicismo que se refere à dimensão processual de localização entre lugares ou pertença simultâneas a diferentes escalas.



## A proposta de investigação-ação em Herança Globais no âmbito dos Direitos Humanos

A nossa proposta de intervenção parte da relação do ser humano com os seus objetos socialmente qualificados (com atributos de valor), para procurar uma consciência da mudança na ação. Os objetos são produtos do processo social e a suas relações intersubjetivas. Recolocar os objetos de análise no domínio processual da intersubjetividade é o nosso princípio de ação. Propomos a investigação-ação como metodologia para integrar diferentes competências da cadeia operativa, que vão desde a documentação e a salvaguarda, passando pela e comunicação e partilha dos objetos patrimoniais como expressão da vontade de construção dum futuro das comunidades a partir da nossa consciência dos seus presentes. Estamos perante a consciência da necessidade de transformação processual que assegura a partilha dos espaços e dos territórios, que assegure a diversidade cultural e a incorporação dos outros saberes.

Num mundo globalizado, transcalar a ação dos museólogos é cada vez mais a figura do mediador de questões que facilitem a construção dos compromissos. A figura do mediador emerge assim como uma das suas principais competências. Ao assumirmos as heranças da comunidade como objeto do nosso trabalho não podemos deixar de ser construtor de futuros. Um projeto que se pode construir com base na herança dos Direitos Humanos e que se pode constituir como uma plataforma de diálogo entre cidadãos em função do desenvolvimento da comunidade.

Procuramos através da abordagem da questão dos direitos humanos como um elemento constituinte de um processo patrimonial crítico, validar as metodologias de investigação-ação como uma metodologia transdisciplinar. Temos vindo igualmente a defender que os processos museológicos assumem novas configurações organizacionais, em forma de redes transcalares criadoras de solidariedades e potenciadoras de uma cultura de paz. A nossa proposta “Heranças Globais” no campo dos direitos humanos, como proposta de investigação ação busca alargar o campo de conhecimento sobre os objetos patrimoniais e museológicos através a mobilização dos saberes das comunidades para criar processos transitivos. Propomos a questão da escravatura como tema de referência, que nos permite criar uma rede transcalar. O fenómeno da escravatura tem vindo a ser abordado no âmbito da UNESCO . Uma abordagem que trata da sua história e da sua atualidade no presente como gerador de diversidades. Trata-se portanto dum fenómeno global que influi nas comunidades locais por via de múltiplas formas.

Que ferramentas propomos para mediar a nossa proposta. Partimos das ferramentas tradicionais da museologia, de resgate das memórias. Propomos uma abordagem intersubjetiva com base nas narrativas biográficas para reconstruir os sentidos do social. A integração dos outros olhares sobre o mundo; suscitar a construção de elos de sentidos socialmente partilhados, por via a imagem, da oralidade; da expressão artística, da música e do movimento constituem como processos que tem vindo a ser usados de forma crescente na museologia para a inclusão das comunidades na participação dos seus inventários patrimoniais.

Trata-se portanto de induzir num grupo de trabalho dinâmicas de grupo de resgate de memórias coletivas, e de sobre a criação de compromissos sobre os objetos patrimoniais, criar ações de mudança no mundo. Portanto ao invés de partir das tradicionais narrativas preexistentes, construídas por museólogos, transformar o museólogo num facilitador de produção de objetos socialmente qualificados, que constituídos como recursos se transformam em produtos de ação sustentáveis. Para além dessa ação, efetuada ao nível dos vários grupos e dos vários territórios, propomo-nos ainda constituir uma rede de partilha de recursos. Dessa forma procuramos desenvolver localmente e pensar globalmente a museologia. Nessa dimensão integrar o temo dos Direitos Humanos na museologia e no estudo do património não se cinge à dimensão política dos conceitos, alargando-se a uma prática de solidariedades para emancipação do ser humano, onde o passado e as suas heranças serve de pretexto para a construção do futuro. Um futuro que todos queremos.

## ***Referencias Bibliográficas.***

---

**ANDERSON, Ruth Benedict** (1991): Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. London: Verso.

**BRUNO, Cristina** (1996). Museologia e Comunicação, Lisboa Cadernos de Sociomuseologia, nº 9

**BRUNO, Cristina** (1997). Museologia e Museus: Princípios, problemas e métodos, Lisboa, Cadernos de Sociomuseologia nº 10.

**CHOAY, Françoise** (2005). Património e Mundialização, Évora, Casa Sul Editora

**CHOAY, Françoise**, (2011). As Questões do Património, Lisboa, Edições 70,235 páginas

**CHAGAS, Mário de Souza** (2009). A Imaginação museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, Museu, Ibram

**GALTUNG, Johan** (1998), Direitos Humanos, Uma nova perspectiva, Lisboa, Instituto Piaget

**HONNET, Axel** (2011). Luta pelo Reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais, Lisboa, Edições 70.

**Labalai, Sophia & LONG, Colin**, (2010). Heritage and Globalization, London/New York, Routledge

**LANGFIELD, Michele , LOGAN, William & CRAITH, Nic** (2011). Cultural Diversity, Heritage and Human Rights, London/New York, Routledge

**LECHNER, Elsa** (2009). Histórias de Vida: Olhares Interdisciplinares, Porti Edições Afrontamento, 156 páginas

**LEITE, Pedro Pereira** (2011). Cassa Muss-amb-ike: o compromisso no processo museológico, Lisboa, Tese de Doutoramento em museologia.

**MANUEL-CARDOSO, Pedro** (2011) A cultura perante o Património, Pós-doutoramento em Cultura e Comunicação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**MOUTINHO, Mário** (2007). Uma definição evolutiva da Sociomuseologia, Setúbal, Lisboa, Setembro 2007, XIII Atelier Internacional do MINOM,

**MORIN, Edgar, FREITAS, Lima de e NICOLESCU, Besarab** (1994). Carta da Transdisciplinaridade, Arrábida, Encontros da Arrábida

**PRIMO, Judite Santos et alia** (1999). “Museologia e Património: documentos fundamentais” in Cadernos de Sociomuseologia, nº 15, Lisboa, ULHT

**SANTOS, Boaventura de Sousa.** (1987). Um Discurso sobre as Ciências, Porto, Edições Afrontamento, 59 páginas

**SANTOS, Boaventura Sousa** (2002). Introdução a uma Ciência Pós Moderna, Porto, Edições Afrontamento.

**SIMPSON, Moira** (1996). Making Representations – Museums in the Post-Colonial Era. London, Routledge.

**SIMPSON, Moira** (2006). “O Mundo dos Museus: Novos Conceitos, novos modelos” in O Estado do Mundo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 123-160